

**UM ESTUDO DAS MUDANÇAS NA ESCRITA E NA PRONÚNCIA DO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVII AO SÉCULO XVIII, COM BASE EM DOIS TRATADOS DE ORTOGRAFIA**

Cynthia Tomoe YANO

(Orientadora): Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves

**RESUMO:** Este projeto de iniciação científica é parte do projeto temático *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística - Fase II* e tem como objetivo principal observar e descrever mudanças morfo-fonológicas do português europeu, na virada do século XVII ao século XVIII, a partir da análise de dados obtidos através de dois tratados de ortografia: a *Ortografia da Lingua Portuguesa*, de João Franco Barreto (1671) e a *Orthographia, ou Arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza*, de João de Moraes Madureira Feijó (1739). A escolha destes dois tratados se deve ao fato de que foram escritos e publicados durante uma época de grande importância para a história da língua portuguesa, isto é, em um momento de mudanças no sistema fonológico da língua, e bem como, na sua sintaxe (cf. Galves et alli, 2005).

**Palavras-chave:** lingüística histórica, história da ortografia, gramáticas portuguesas, história da pronúncia.

### **Introdução**

A prática da escrita sistemática em língua portuguesa apresenta suas primeiras experiências em fins do século XIII, impulsionada por D. Dinis ao tornar obrigatória a redação de documentos oficiais inteiramente em “língua vulgar”. No entanto, irá sofrer com a instabilidade gráfica ao longo dos séculos, devido às variações dialetais e às mudanças no sistema da língua, além das diferenças de proveniência sócio-geográfica e cultural ou simplesmente pela arbitrariedade nas escolhas gráficas dos escribas e copistas que tentavam, com a maior aproximação possível, transcrever a fala, fazendo corresponder uma grafia distinta para cada unidade fônica (cf. Gonçalves, 1992).

Além disso, também se pode afirmar que já havia, desde a Idade Média, uma preocupação com uma codificação mais específica e uma normatização da escrita em português, que era, contudo, desfavorecida pelas condições sócio-políticas da época e, conseqüentemente, apagada dos centros irradiadores e dos meios de difusão. Assim, será somente a partir da segunda metade do século XV, com o surgimento da imprensa, que a normalização ortográfica e a transmissão nos textos de uma linguagem mais acessível a um público mais amplo se farão necessárias aos gramáticos da época. Desse modo, segundo

Maria Leonor Buescu (1978), o uso da língua vulgar ou vernacular passa a concorrer com o latim nos níveis literário, científico e administrativo e a ganhar cada vez mais importância lingüística e sócio-histórica. Além disso, há a substituição do conceito de Gramática, que passa não mais a corresponder pura e simplesmente à gramática latina, mas também à moderna, e a preocupação com o caráter pedagógico das gramáticas, como um meio de ensino da língua materna, uma vez que, em meio a novas condições de comunicabilidade entre os povos, falantes ou não do latim, torna-se necessário encontrar uma codificação que, além de normativa, seja também didática.

E, em meio a essa nova época, surgem as primeiras gramáticas portuguesas - em 1536, a *Gramática da Língua Portuguesa*, de Fernão de Oliveira, e em 1540, a *Gramática da Língua Portuguesa, seguida de Diálogo em louvor da nossa linguagem*, de João de Barros - na tentativa de descrever a língua e regulamentar a sua ortografia. Ambos os autores, assim como outros estudiosos seiscentistas, valorizam a observação direta da realidade que os cerca, deixando de lado o questionamento em relação à origem das palavras e tomando como parâmetro para a descrição da língua a fonética (cf. Buescu, 1978).

Ao final do século XVI, já no início do XVII, ocorre uma acelerada transição nos conceitos e nos conteúdos das gramáticas da língua, passa-se do concretismo presencialista do Renascimento, regado pelas tradições clássicas, à crise espiritual religiosa e social do Barroco. Assim, contrariamente às tradições renascentistas, a origem das línguas vulgares e, posteriormente, a origem e a essência da linguagem humana, passam a ser os interesses primordiais dos gramáticos e, portanto, a etimologia substitui a fonética e deixa de ser considerado um ponto fraco nas ciências da linguagem (cf. Buescu, 1978).

Já no século XVII, além das gramáticas, como a *Origem da Língua Portuguesa*, de Duarte Nunes de Leão (1606), também surgirão as obras de cunho lexicográfico, como o *Thesouro da língua portugueza* ou *Prosódia*, de Bento Pereira (Évora, 1647). Estes estudos, segundo Maria Filomena Gonçalves (1992), serão de grande importância não somente para a história do léxico como também para a difusão de determinados usos, no domínio da ortografia, contribuindo, com isso, para a normalização gráfica.

É interessante notar aqui o fato de que, durante um longo período, ocorrerá a substituição do ensino da língua vernacular pelo ensino da sua ortografia, reafirmando a idéia de que, do final do século XVI ao século XVIII, a maioria dos estudos publicados apresenta um caráter altamente “meta-ortográfico”. E das diversas produções do século XVIII que discorrem sobre as regras ortográficas da língua portuguesa, observa-se que a grande maioria é inserida na tendência etimológica - em seguimento da tendência já presente desde o final do século XVI e que irá se estender até os primórdios do XX.

Por fim, apesar da grande quantidade de trabalhos sobre as regras ou normas da “boa” maneira de escrever - sobretudo nos inícios do século XVIII -, não são tantos os estudos sobre eles ou sobre os gramáticos ou ortografistas que se dedicaram a produzi-los (cf. Gonçalves, 1992). Desse modo, este projeto se propõe a contribuir com a realização de um estudo sistemático de uma dessas obras, além de apresentar as normas gráficas e analisar e descrever as mudanças ocorridas nos sistemas gráfico e fonológico da língua portuguesa. E para tanto, foram escolhidos dois tratados de ortografia – a *Ortografia da Língua Portuguesa*, de João Franco Barreto (1671) e a *Ortographia, ou Arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portuguesa*, de João de Moraes Madureira Feijó (1739) – com base, principalmente, no fato do período da passagem do século XVII ao XVIII, no qual se inserem as duas obras, ser um dos mais significativos para a história da língua portuguesa, já que, segundo Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005), nesse período houve uma mudança na sintaxe da língua, em particular na colocação dos pronomes clíticos em contexto de sentença afirmativa não-dependente XP V - sendo XP um sintagma [+referencial] -, que passou a ser a ênclise, e não mais a próclise. E isto teria sido causado por uma mudança fonológica que afetou o ritmo da língua, durante o século XVIII (cf. Teyssier, 2004). Além disso, um estudo sobre a ortografia de uma língua, pode se mostrar bastante relevante, uma vez que se abre a possibilidade de reconstituição da pronúncia ou mesmo de delimitação e caracterização das variantes dialetais daquela língua.

Além disso, é importante ressaltar que, contrariamente a Madureira Feijó<sup>1</sup>, não existe nenhum estudo específico a respeito da *Ortografia da Língua Portuguesa*, de Franco Barreto, além de citações a respeito de seu controverso posicionamento em favor de uma escrita baseada na pronúncia e não na etimologia.

## Corpus

O corpus utilizado neste projeto é constituído por duas listas de “erros” e “emmendas” da ortografia das palavras em língua portuguesa, apresentados nos capítulos *Advertencias em ordem a emmendar, & melhorar as palavras, que a inorancia do vulgo tẽ corrutas*, da obra de João Franco Barreto (1671), e *Erros communs da pronunciaçam do vulgo, com as fuas emmendas em cada letra*, da obra de João de Moraes Madureira Feijó (1739).

---

<sup>1</sup> Maria Filomena Gonçalves publicou um estudo sistemático a respeito da *Ortographia* de Madureira Feijó, intitulado *Madureira Feijó – Ortografista do Século XVIII – Para uma história da Ortografia Portuguesa*. (1992).

## Análise preliminar do corpus

Para demonstração de uma análise inicial da pesquisa, serão apresentados a seguir alguns pontos já levantados e brevemente discutidos.

Optamos inicialmente pela análise da listagem apresentada na *Ortografia da Língua Portuguesa*, de João Franco Barreto, devido a sua extensão, relativamente menor em comparação a presente na obra de Madureira Feijó. Além disso, também é importante deixar claro que as palavras se apresentam na forma de duas colunas, uma intitulada “Erradas”, na qual são listadas as palavras grafadas incorretamente, e a outra, “Emmendas”, com as suas formas corretas. Cada grupo de palavras, contendo as suas formas “errada” e “emmendada”, será considerado aqui como um dado.

Após uma primeira leitura da lista, decidimos pela classificação com base no fenômeno fonológico observado entre uma e outra forma de uma mesma palavra, tomando a “emmenda” como base e a “errada” como resultado do fenômeno, a partir da qual seria possível depreender as mudanças ocorridas na pronúncia da língua. Com isso, chegou-se a algumas ocorrências, como, por exemplo:

- Em maior número, de metaplasmos, dentre os quais *prótese*, *epêntese* e *paragoge*, em que se acrescenta algo no início, meio e final de palavra, respectivamente e *aférese*, *síncope* e *apócope*, em que se retira algo no início, meio e final de palavra, respectivamente;
- Metátese;
- Variação /b/ ~ /v/;
- Levantamento de vogal: [e] → [i] e [o] → [u];
- Variação /h/ ~ ∅;
- Grafia do ditongo nasal [ãũ];
- Regularização de forma verbal;
- Etc.

A respeito dos metaplasmos, mais especificamente das próteses, é interessante observar que há formas que sobreviveram na escrita moderna, mas que, em fins do século XVII, eram depreciadas pela norma da ortografia da língua, como, por exemplo:

<b>Emmendas</b>	<b>Erradas</b>
Recadar	Arrecadar
Redar	Arredar
Reponder	Arreponder

Há também formas que perderam definitivamente o seu uso, restando somente as mais valorizadas pela norma, como:

<b>Emendas</b>	<b>Erradas</b>
Gabar	Agabar
Poupar	Apoupar
Recuar	Arrecuar

Além de formas em que ambas as “erradas” e as “emendadas” sobreviveram ao léxico do português moderno:

<b>Emendas</b>	<b>Erradas</b>
Voar	Avoar
Rematar	Arrematar
Rebentar	Arrebentar

Por fim, também se notam formas como “Confírar” e “Confíraçã”, em que, aparentemente, há uma elipse da sílaba “de”, presente nas formas mais apreciadas “Confíderar” “Confíderaçã”, devido ao abaixamento da vogal [e] e, conseqüentemente, o seu apagamento na fala. Este caso poderia ser um exemplo eficaz de como é possível depreender características da pronúncia da língua através do estudo da sua ortografia.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- BARRETO, J. F. (1671) *Ortografia da Lingua Portuguesa*, Officina de Ioam Da Costa, Lisboa.
- BUESCU, M. L. C. (1978) *Gramáticos Portugueses do Século XVI*, Ministério da Educação, Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa.
- CARRETER, F. L. (1968) *Diccionario de Términos Filológicos*, Editorial Gredos. Biblioteca Románica Hispánica, Madrid.
- CASTRO, I. (2004) *Introdução a Historia do Português*, Ed. Colibri, Lisboa.
- FEIJÓ, J. M. M. (1739) *Orthographia, ou Arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portuguesa*, Officina De Luis Secco Ferreira, Coimbra.
- GALVES, C., BRITTO, H. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2005) “The Change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus”. In: *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 4, n.1, Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond.
- GONÇALVES, M. F. (1992) *Madureira Feijó – Ortografista do Século XVIII – Para uma história da Ortografia Portuguesa*, Ministério da Educação, Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa.
- TEYSSIER, P. (2004) *História da Língua Portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. Martins Fontes, São Paulo.

Website:

<http://bdn.bn.pt>